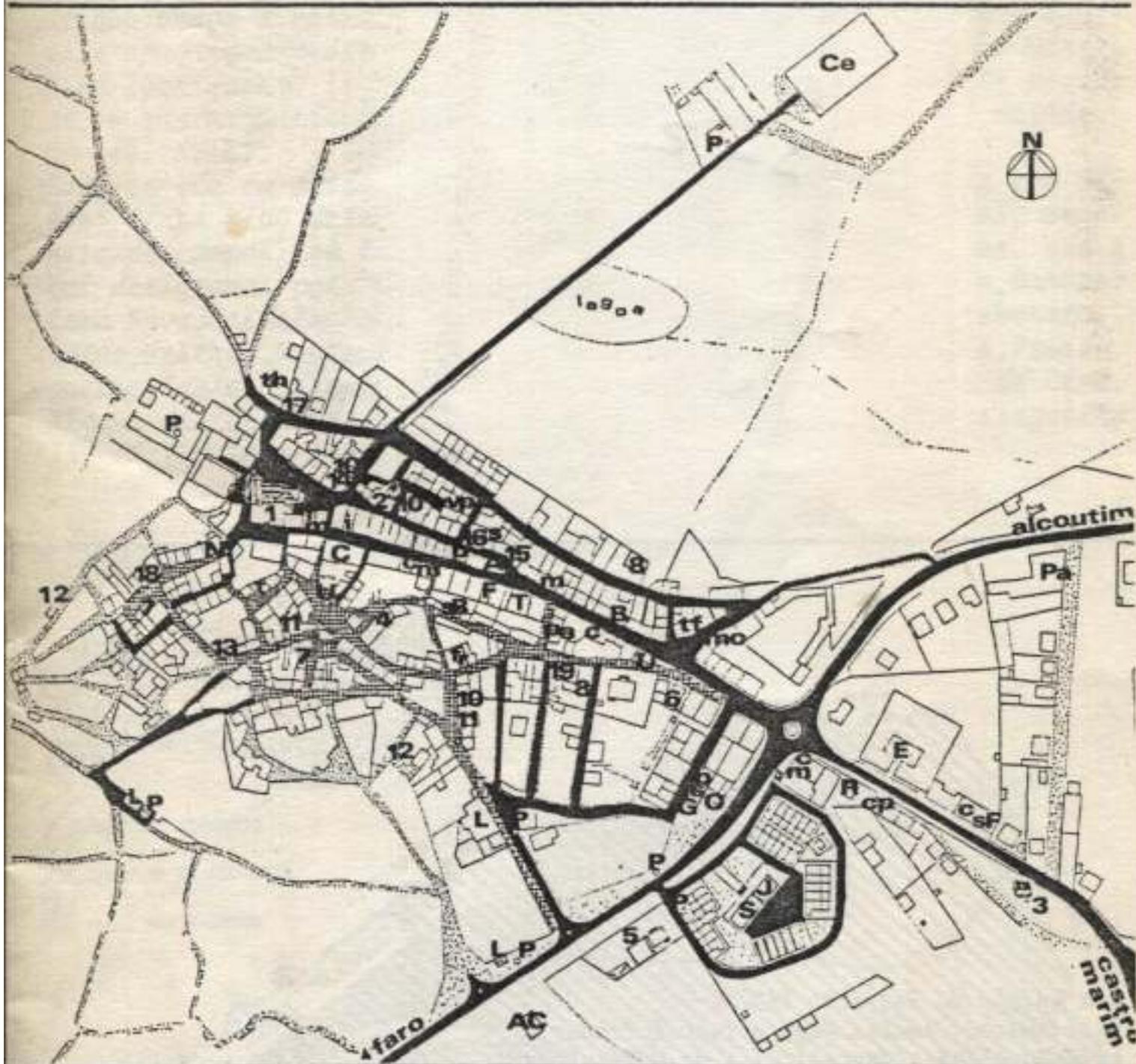
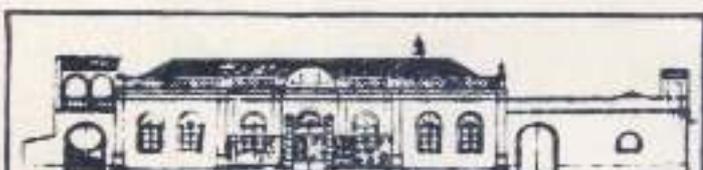


martinlongo



OTLs de Martinlongo (jovens da Associação de Pais, do Clube, da Igreja)



Casa da Cultura António Bentes

S. Brás de Alportel

Biblioteca

Livro n.º 854

Cota n.º

5
3-~~7~~
B

Uma edição do Projecto RADIAL

Coordenação: Amélia Muge e Isabel Raposo

Levantamentos, redacção: OTLs de Martinlongo:

da Associação de Pais:

Carlôs Simão, Conceição Ginja, José António Couto, Leonor Vicente, Orlando Henriques, Otilia Soares, Paulo Ferreiro, Pedro Ginja, Teresa Mendes

do Clube:

Bernardino Vicente, Rogério Cavaco, Nelson do Nascimento

da Igreja:

Graça Teixeira, Maria Duarte, Ortelina Henriques, Paula Soares

Colaboração de: Carla Almeida, Everilde Miranda, Francisco Lameira, Paulo Setas, Vera Timóteo

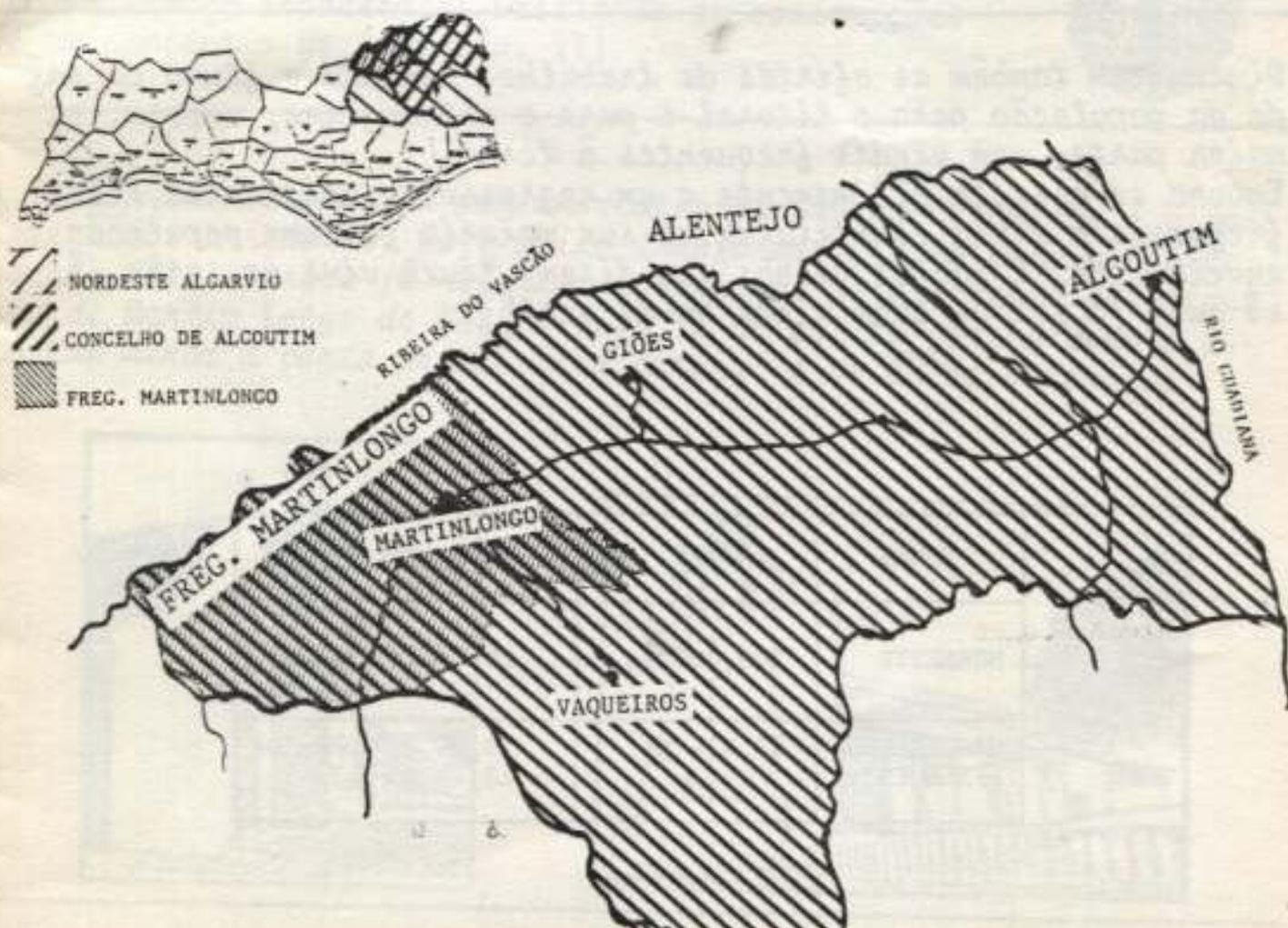
Tiragem de 200 exemplares

a freguesia



Martinlongo, sede de Freguesia do mesmo nome, insere-se numa região que ocupa a faixa S.W. do N.E. Algarvio e com uma área que equivale aproximadamente a 13% dos 100.000 Ha de toda a região Nordeste (ver quadro 1). Embora esta região fosse escassamente povoada, a sua organização paroquial já estava definida na 1ª metade do sec. XVIII.

Sabe-se que em meados do sec. XIX Martinlongo (juntamente com Giões) tinha sido descrita como grande aldeia, com boas casas, organizando campos com 26 lugarejos distintos. Estes lugarejos, que aqui designamos por "montes" são: Arrizada, Azinhal, Barrada, Barrosõ Casa Nova, Castelhanos, Corte Serrano, Diogo Dias, Estrada, Laborato, Lotão, Mestres, Monte Argil, Penteadeiros, Pereirão, Pêro Dias, Pessegueiro, Santa Justa, Silgado, Tremelgo, Zorrinhos de Baixo e de Cima. Alguns destes reuniram dezenas de fogos (Santa Justa 36, Pessegueiro 35, etc) outros menos de uma dezena.



A vegetação é pobre, e os solos de origem xistosa e calcária, apresentam acentuado declive. A falta de água é uma constante. Dir-se-ia que a pobreza é quase inevitável.

No início do séc. XX, a economia da região baseava-se, como ainda hoje, essencialmente na cultura extensiva de cereais e na pastorícia de gado miúdo. As actividades artesanais (produção de cera, mel, azeite, vinho, queijos, frutos secos, carvão, linho e lã, fiação e tecelagem) que desde então perderam significativa expressão, eram complemento à economia do agregado familiar.

As terras estavam apenas nas mãos de alguns proprietários. A área de cereais aumenta até 1960. Durante a famosa "campanha do trigo", (medida tomada para um aumento da produção de trigo, baseada na não rotatividade das culturas) o aumento foi ilusório. Os terrenos empobrecidos, passaram a produzir quase só unicamente nas baixas. Isto teve como consequência o desaparecimento do restolho, a diminuição dos rebanhos.

Diminuíram também as ofertas de trabalho. Aumenta o fluxo da saída da população para o litoral e para o estrangeiro, embora, na maior parte, com vindas frequentes à terra.

Embora se assista ultimamente a um regresso de emigrantes, esta freguesia é ainda constituída na sua maioria por uma população envelhecida. E são os velhos que dizem: "quem vive na serra, é só quem já foi ou quem ainda há-de ser!"

ZONAS	ÁREAS	PROPORÇÕES
NORDESTE	100,000 Ha	20% do Algarve
MARTINLONGO (FREGUESIA)	13,414 Ha	23,3% do Concelho 13,4% do N.E.

a aldeia

Isolada na montanha, terra de agricultores, oleiros, almocreves, comerciantes, artesãos, Martinlongo é nome que lembra antigo senhor ou simples camponês, cuja memória por alguma razão foi ficando. Chamavam-lhe Martin, o Longo, (não sabemos se de vida, se de estatura). Daí o aparecer escrito, muitas vezes, Martin Longo.

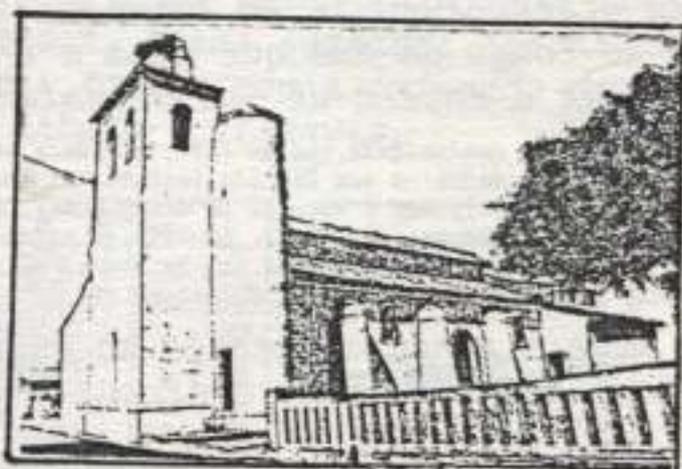
(1)

Alguns aldeãos contam que Martinlongo teria sido Vila Nova de Sequeiro. Um dia, há uns 50 anos, um viandante teria passado perto da capela de São Sebastião e conversando com dois rapazes que aí passavam teria afirmado que esta aldeia não se dava pelo nome de Martinlongo mas seria sim Vila Nova de Sequeiro como constava na carta topográfica que consigo trazia.

Há vestígios da passagem dos ROMANOS pela região. Na mina da Aroeira a cerca de 1,5Km da Igreja Matriz da aldeia foi encontrada uma moeda romana de prata do sec. II d.c. Foram também encontrados vestígios de construções e um cemitério de inumação. (1)



A IGREJA MATRIZ que tem por invocação N^a Sr^a da Conceição é a mais antiga dos arredores. Hoje muito transformada, data pelo menos do século XVI. Aparece já referida nos livros de casamento da Freguesia de Martin Longo de 1586 a 1605. É do estilo gótico como o atestam ainda a porta principal e lateral e os arcos quadrados



que separam as três naves as quais assentam em colunas muito baixas com capitéis octogonais. Os contrafortes cilíndricos do exterior da igreja de estilo gótico-manuelino-mudejar são pouco comuns na arte portuguesa. (1)

Os retábulos dos altares de estilo renascença foram construídos de 1681 a 1684.

Nos altares podem ainda admirar-se duas imagens da virgem que datam do sec. XVII (2)



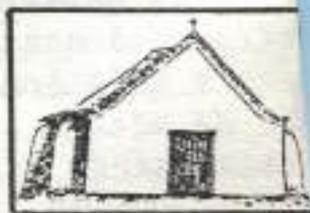
Foram colocados em 1943 dois novos sinos a substituir os dois velhos sinos já rachados. Conta-se a propósito do mais pequeno que datava de 1787 esta lenda: "O sino tocou pela 1ª vez no baptismo de uma criança. Esta criança cresceu, fez-se homem, e viveu até aos noventa anos. No dia em que o sino dobrava pelo seu falecimento, rachou"



Hoje a torre sineira serve de base ao ninho de uma cegonha ... da cegonha que traz os bebês da França... talvez como um voto de que regressem à terra os emigrantes e de que a aldeia prospere e se desenvolva.



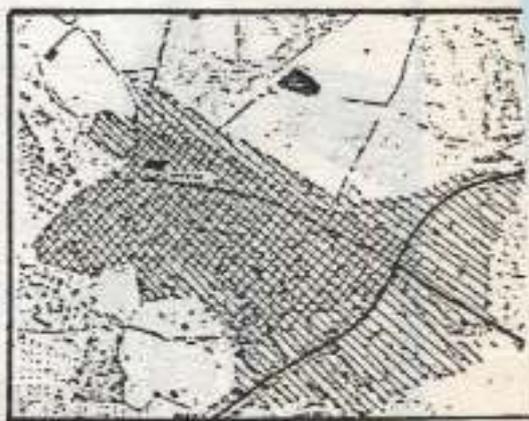
Da mesma época da igreja matriz datam as CAPELAS DO ESPIRITO SANTO (a) e de SÃO SEBASTIÃO (b). Esta última apresenta os mesmos contrafortes cilíndricos que a igreja.



A aldeia desenvolveu-se em torno da igreja e ao longo da rua que liga a igreja matriz à capela de São Sebastião.

Refira-se a título de curiosidade, que em 1839, a aldeia era formada por 4 locais habitados: - a rua Direita (actual rua Antero Cabral), Espírito Santo (junto à avenida do mesmo nome), a Lagoa (junto à lagoa) e arredores da igreja. Em 1893, já estaria a crescer de outros tantos locais e ruas (r. do Norte, da Ladeira, Pêro Dias, S. Sebastião, Largo de S. Sebastião etc.).

Hoje a aldeia tende a crescer ao longo da estrada que liga Faro a Alcoutim.



(1) F. Laneira e M. Rodrigues - A escultura de madeira no Concelho de Alcoutim do sec. XVI ao sec. XIX - Faro 1985

A ALDEIA NOS MEADOS DO SÉCULO

- Martinlongo, como já referimos, desenvolveu-se até esta data, em torno e sobretudo a sul da igreja matriz, localizada no alto de uma colina. A porta principal da igreja abria sobre o antigo cemitério (onde hoje existe o lar da 3ª idade) e sobre os campos a ocidente.

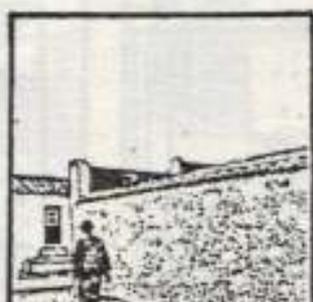
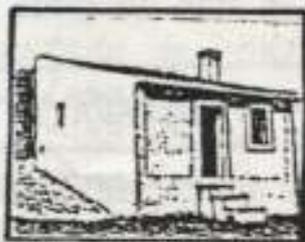
A entrada na aldeia para quem chegava pela estrada Faro/Alcoutim situava-se a nascente da Igreja. A rua principal permitia o acesso desde a estrada ao centro da povoação.

A aldeia era então um aglomerado rural de pequenas casas alinhadas com as ruas, na maioria dos casos com pequenos logradouros nas traseiras. Casas de um só piso, paredes de pedra rebocadas ou simplesmente caiadas com telhado de uma ou 2 águas, e telha de meia cana assente sobre tecto de caniço.

As casas das famílias mais ricas distinguiam-se das restantes pela sua maior área, pelo seu aspecto mais urbano e pelo cuidado no tratamento da fachada, rematada com platibanda. Portas, janelas e platibandas são decoradas. Estas casas de um só piso encontram-se localizadas ao longo da rua principal e abrem directamente para a rua.

E também desta época um tipo de casas de 2 pisos e cobertura em terraço, então pertencentes igualmente às famílias mais ricas, distinguindo-se também pelo cuidado na decoração das fachadas. Estas casas localizam-se na zona mais velha, junto à igreja, e a sul desta. Como as anteriores, abrem directamente para a rua.

Por ordem do Governador do Algarve que nessa época visita a aldeia, as fachadas das casas mais populares que davam para a rua principal, (então mais irregular do que é hoje) são reconstruídas para que essa rua se transforme numa verdadeira "rua direita". Por ordem do mesmo governador, essas fachadas reconstruídas são rematadas com platibandas, talvez com a intenção de conferir à aldeia um aspecto mais urbano e algarvio.



A ALDEIA NA DÉCADA DE 70

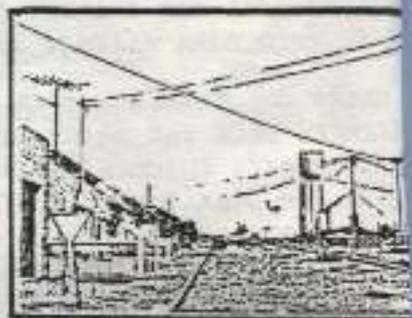
O empobrecimento da região não se resolve com novas fachadas. O cansaço das terras que a produção em grande escala do trigo hav^{ia} provocado e a falta de emprego na zona, obrigam os camponeses primeiro ao trabalho sazonal e a partir dos anos 60 à abalada definitiva para o litoral e para o estrangeiro.

Partem muitos dos jovens, homens e mulheres em idade de trabalhar. Ficam sobretudo os mais velhos e em muitas famílias o pai ou o marido vai sô, à busca de emprego. Muitas casas ficam abandonadas e com os anos vão-se degradando.

A ALDEIA NA DÉCADA DE 80

A partir do 25 de Abril os novos governos democráticos e o regresso de muitos dos que haviam emigrado trazem nova vida à aldeia

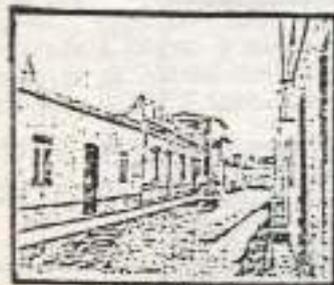
Passa a haver água canalizada e água de novos furos, para além da água dos 7 poços públicos já existentes. É traçada a rede eléctrica e a rede de esgotos. Algumas ruas são alcatroadas.



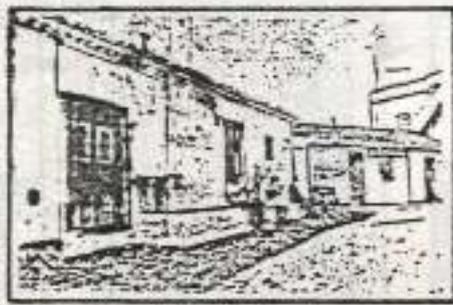
Novos serviços começam a funcionar: a Caixa de Crédito Agrícola, um médico permanente no Centro de Saúde, a telescola, e mais recentemente o Centro de Animação Infantil; a Associação dos Pais, o Lar da 3ª Idade, a Linha Serrana, a Flor da Agulha, embrião da futura Casa do Artesão. Também o comércio se desenvolve.

E a aldeia cresce...

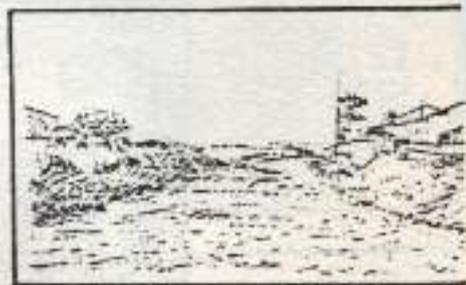
ao longo da rua direita, mas agora no sentido da Capela de São Sebastião, onde já antes do 25 de Abril havia sido localizada a Escola Primária; ao longo da estrada Faro/Alcoutim como que indiferente ao trânsito e como que afastando-se do centro tradicional das ruas direitas e dos pequenos largos onde pessoas convivem de porta a porta; vira-se agora para o exterior e cresce ao longo das estradas que a ligam aos grandes centros do país.



rua Direita



rua ao Sul da Igreja



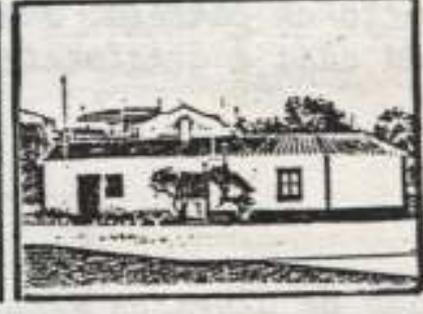
estrada Faro/Alcoutim

COMO SÃO HOJE AS CASAS NA ALDEIA

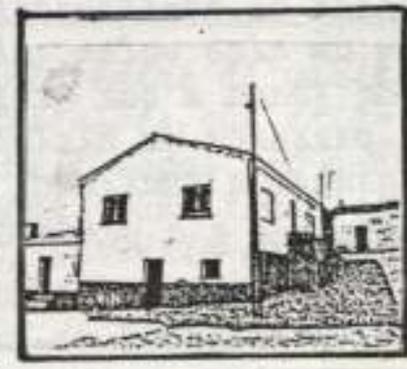
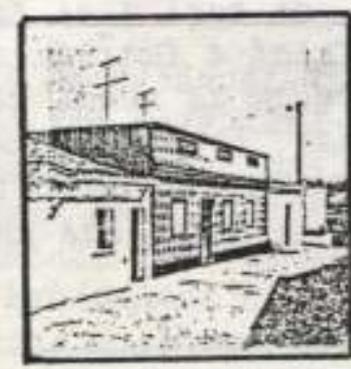
Algumas casas tradicionais de pedra solta não rebocadas, nem caiadas, com porta de madeira não pintada, encontram-se hoje em mau estado porque os seus donos partiram e não voltaram ou, nalguns casos, porque não têm dinheiro para as recuperar.



Muitas dessas casas de pedra, uma ou outra de taipa, são ainda hoje habitáveis e algumas estão mesmo em bom estado de conservação, rebocadas e caiadas (para manutenção e higiene) todas brancas, com algumas notas de cor que lhes dá a pintura da porta, dos aros das janelas, da tampa da boca da água canalizada ou a vegetação que enfeita a fachada. Nalgumas, uma faixa de cor realça as bases das fachadas, os vãos das portas e janelas, as esquinas e os bordos das platibandas.

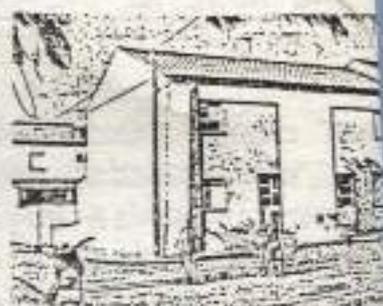


Destas casas de tipo tradicional, algumas têm sido completamente transformadas, de acordo com as novas necessidades e costumes, recorrendo aos variados materiais existentes no mercado. Mais integradas ou mais dissonantes na imagem da aldeia antiga, utilizam os aros e as portas de ferro ou alumínio, algumas ainda têm as fachadas brancas, outras utilizam cores mais garridas, às vezes mesmo berrantes. Por vezes são acrescentadas de mais 1 ou 2 pisos e têm varandas com guardas em varões de ferro.



As antigas casas mais ricas da aldeia de 1 ou 2 pisos mantêm todas, no essencial, a sua traça original, A maioria está em bom

O novo bairro construído pelo Fundo Fomento da Habitação na estrada Faro/Alcoutim tem casas todas iguais de 2 pisos e em banda contínua, com pequenos logradouros nas traseiras e fachadas indiferenciadas situadas sobre a rua. É sobretudo habitado por trabalhadores originários de outras terras.



As novas casas da aldeia construídas nos últimos anos pelos próprios, (na maioria dos casos por emigrantes que regressam à terra) localizam-se nos limites da aldeia antiga e sobretudo, como referimos já, ao longo das estradas que ligam Martinlongo ao exterior.

Com vedações baixas, a casa localiza-se - ao contrário das casas antigas - sempre no meio da parcela. O terreno livre na frente da casa é geralmente ajardinado.



São de diversos tipos: umas são de 1 piso são ainda parentes da casa tradicional. Outras, normalmente de 2 pisos, são de um tipo muito diferente, a testemunhar as novas necessidades e ambições dos novos aldeãos.

Em Martinlongo, como em todas as aldeias do nosso País, coloca-se hoje a questão de saber como integrar a aldeia nova na aldeia antiga. Como recuperar as construções, as ruas e os largos antigos, que constituem um rico valor cultural e turístico (portanto também económico), de forma a que respondam às novas necessidades e mantenham viva a presença da história? E como garantir que as novas construções ganhem a qualidade que o novo modo de vida exige sem perder a harmonia e a pertença cultural das antigas?

Este breve estudo do espaço da aldeia coordenado por Isabel Raposo, foi elaborado a partir dos dados recolhidos pelos OTJ nos inquéritos, entrevistas e conversas com os moradores da aldeia.

a lagoa

Segundo reza a tradição a lagoa situada a 300 metros da Igreja matriz, terá nascido da escavação para obtenção do barro que se utilizou na construção da Igreja.

Sempre cheia pela água das chuvas ali bebiam os animais da região.

Em tempos, a lagoa foi limpa, e dizem que dali tiraram grande número de enguias. Muitas delas com o tamanho do braço de um homem. Será isto verdade? E pequenas ou grandes, como foram elas lá parar? Um antigo viveiro?

Em frente à lagoa, do outro lado da estrada, existe uma sepultura com uma inscrição que diz jazer ali alguém que morreu afogado naquela lagoa.

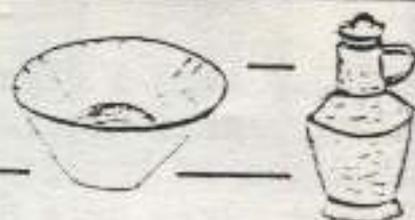


As diferenças de desenvolvimento entre as várias regiões do nosso País atingiram hoje, tais dimensões, que criam problemas mesmo às regiões mais favorecidas. Hoje todos são unânimes na necessidade de atenuar essas diferenças. Numa zona seca como esta, uma lagoa devidamente aproveitada, serviria não apenas para refrescar os seus habitantes como atrair o turismo, que não aprecia apenas as áreas super-povoadas do litoral, no tempo de Verão.

Diríamos mesmo que um turismo de outra natureza poderia aparecer, caso as condições do interior da serra, se transformassem.

artesãos

Os últimos latoeiros da aldeia?



O trabalho em lata é uma das actividades artesanais em decadência na aldeia.

A população optou pelo uso dos objectos de plástico pondo de parte os de lata.

Mas embora a procura seja reduzida, o sr. António Anastácio e o sr. José do Sacramento Brito ainda são latoeiros. Fabricam baldes, alguidares, pãs, chuveiros, cântaros, seguindo uma profissão que lhes foi ensinada pelo sogro e pai, respectivamente.



Boas perspectivas para a marcenaria

Os irmãos António e Jorge Brãs, desde há muito tempo que têm aberta uma oficina. Aprenderam com o pai, mas hoje já usam máquinas eléctricas.

As portas e janelas já têm pouca procura, pois as pessoas procuram mais de ferro e metal.

O sr. Francisco é outro marceneiro que abriu a sua oficina quando regressou do estrangeiro.

Pensa que a sua profissão é rendosa e de futuro, mesmo para os seus filhos.

O cadeireiro pretende acabar a sua actividade

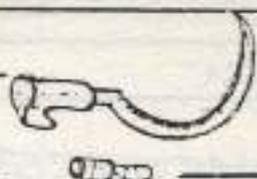


O sr. António Miguel diz que o consumo não ajuda e os olhos também não.

Utiliza no seu trabalho a madeira, o bunho e os pregos. O bunho é trazido da ribeira e posto a secar ao sol antes de ser tecido na cadeira.

Vamos ter também uma cadeira sua na nossa exposição.

Os 3 irmãos ferreiros



Elisário, António e Agostinho. As suas idades são entre os 51 e os 61 anos e desde muito novos que seguiram o ofício do pai. Faziam foices, enxadas, arados, cangas, podões, sachos, tesouras de tosquia e todo o género de ferramenta para a agricultura, abastecendo o mercado algarvio, alentejano e ribatejano.

Actualmente optaram pelo fabrico de grades e caixilharias em alumínio e ferro, utilizadas na construção civil local. Dedicam-se também à instalação de canalizações e montagem de bombas eléctricas. Mas em Março e Abril, ainda é o tempo do fabrico das foices nesta oficina.



O cesteiro já foi emigrante ...

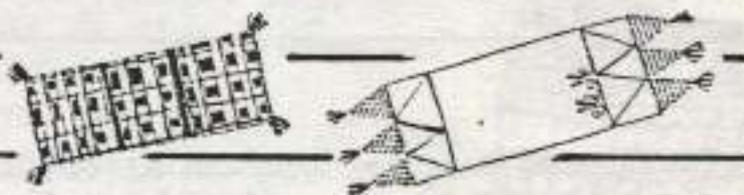
O sr. José Agostinho faz um pouco de tudo, mas sobretudo cestos de cana de todos os feitios e tamanhos...

Também fabrica ratoeiras para pássaros, pás de metal, agulhas de malha, etc.

Os cestos são feitos no inverno.

Tenciona continuar a trabalhar e a vender os seus artigos: na povoação e nos arredores.

O que é feito dos teares?



Quem frequentava a feira de Castro Verde, no Alentejo, teve oportunidade de apreciar as toalhas, os alforjes, as mantas, os aventais e os sorianos feitos com linha, lã de ovelha e retalhos, tecidos por tecedeiras de Martinlongo.

A doença, a idade avançada, fez parar estas tecedeiras e fiadeiras da aldeia - a sr^a Clarisse, M^ã da Conceição, M^ã de Jesus, Laura dos Santos e Dilar Maria com idades entre os 53 e os 78 anos.



A roda de oleiro deixou de rodar



Os srs. Manuel Amaro, Manuel Carneira e Cesário, são os únicos sobreviventes de uma actividade artesanal que teve aqui um grande desenvolvimento, com cerca de doze fornos a funcionar.

Com idades compreendidas entre os 60 e 70 anos, esta foi também a profissão dos seus pais.

O último oleiro há 10 anos que deixou a sua actividade, desaparecendo do mercado local as enjusas, as tigelas, os alguidares, os pratos, as cacarolas, as coberteiras (tampas) feitas de barro e vidradas com chumbo.

Hoje, um ou outro forno degradado, ainda são vestígios desse passado. Dizem estes oleiros ter muita pena de não haver jovens que continuem esta tradição da terra.



A Linha Serrana

É uma oficina de confeção e modelagem que surgiu também este ano. Foi criada por algumas das participantes do curso de confeção e modelagem dado o ano passado em Martinlongo com o apoio da Educação de Adultos e do Projecto Radial e também este ano do Instituto de Emprego.

A sua monitora esteve o ano passado em Faro a frequentar o curso promovido pela Santa Casa da Misericórdia. Também têm modelos próprios baseados nos trajes tradicionais da região.



A Flor da Agulha

Quando uma peça foi acabada de bordar e ainda não foi lavada, diz-se que está com a flor da agulha.

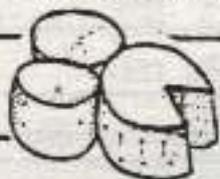
Este termo do uso das bordadeiras, foi o escolhido por esta oficina, criada esta ano, que fabrica bonecos de juta com base em figuras da região. Os bonecos têm bonitas miniaturas feitas pelo sr. Joaquim Eugénio José, de Martinlongo. Também a partir de motivos decorativos da região estão em estudo a produção de peças bordadas.

Nasceram da sua força de vontade e do apoio, o ano anterior, da Educação de Adultos, da I.M. (organização sueca) e do Projecto Radial. Este ano estão integradas no programa do Instituto de Emprego que dá apoio ao património cultural e continuam a ter o apoio da I.M. e do Radial. Querem continuar e melhorar a sua produção.

alimento

A tia Anica, emigrante em Marrocos, voltou também para Martinlongo

A tia Anica faz uma comida que é uma mistura da tradicional (onde é notável o aproveitamento racional de uma série de espécies da região) com uma comida altamente requintada e sem fronteiras ou nacionalidades. Encanta ao cheiro e ao paladar, os acabamentos, os molhos, os acompanhamentos. Uma das poucas hospedarias da aldeia, é um ponto de passagem imprescindível.



A queijeira, também foi emigrante

A sr^a Alzira M^a Fernandes fabrica queijo de ovelha, tendo feito também, anos atrás, queijo de cabra. São queijos pequenos. Para consumo da casa e para venda. Há dez anos que tem esta profissão e tenciona continuar a tê-la.

Vendia queijos para Serpa. Hoje são em Martinlongo. E amanhã?

A Padeira de Martinlongo

Com a construção da padaria em Martinlongo muitas famílias deixaram de usar os seus fornos para cozer o pão. de todas as padeiras da aldeia são a sr^a Carpiã mantem ainda a sua actividade.

Todavia agora já são cose uma vez por semana os seus 25 saborosos pães de trigo caseiros que vende aos vizinhos.



O descasque da amêndoa

A escolha da amêndoa era um dos possíveis postos de trabalho sazonal para as mulheres da aldeia. Hoje são no edifício do lagar se procede ainda a esta actividade.

Da famosa doçaria de amêndoa típica do Algarve não vemos notícia na aldeia. Estará ainda para nascer?



Artesãos da Freguesia de Martinlongo



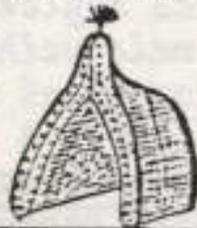
Nome	Especialidade	Lugar
M ^{te} Senhorinha	Tecelagem (toalhas, meias)	Penteadeiros
Violante	Tecelagem/fiação (lã)	Barrada
Ilda Rosa	Tecelagem/fiação (lã)	Tremelgo
Maria Branca	Tecelagem (mantas montanhêco)	Barrada
Conceição Martins	Tecelagem/fiação (lã)	Pero Dias
M ^{te} José Martins	Tecelagem (mantas de retalhos)	St ^a Justa
Laurinda Martins	Tecelagem (mantas de retalhos)	St ^a Justa
Conceição Rosa	Tecelagem	St ^a Justa
Custódia (filha)	Tecelagem/fiação (lã)	Pessegueiro
Dilar	Tecelagem (linho)	Lotão
Francisca Vicente	Tecelagem	St ^a Justa
Antónia Palhinha	Tecelagem (mantas)	Zorrinho
Sérgio Guerreiro	Miniaturas	Lotão
Francisco e filhos	Ferreiro/Serralheiro	Corte Serrano
Manuel Lopes	Carpintaria (pentes, cana)	Penteadeiros
Manuel Agostinho	Carpintaria	Corte Serrano
Manuel Rita	Bilhas/Pentes (cultiva linho)	Penteadeiros
Daniel Rafael	Cardador	Azínhal
Martins Gonçalves	Marcenaria	St ^a Justa
Rogério Guerreiro	Miniaturas	Lotão



os comerciantes

A aldeia de Martinlongo possui uma longa tradição comercial. As primeiras casas de comércio foram as mercearias e as tabernas. Em 1930 foi construída a praça tendo-se regularizado desde então a venda de peixe. Nos últimos anos alguns emigrantes de regresso à sua terra natal têm investido as suas economias na actividade comercial.

Hoje podem encontrar-se na aldeia vários tipos de lojas comerciais. Cinco mercearias onde se pode comprar "tudo" aquilo de que se necessita; na mercearia da sr^a Clementina Barão encontrará mesmo silhas, peias e sobrecargas para o burro!



Nos dois mini-mercados da aldeia a sua escolha será ainda maior. No talho encontrará a carne que desejar. Se quiser comprar fruta, além das mercearias e mini-mercados tem ainda a frutaria e se quiser comprar pão fresco nos dias em que a sr^a Carpia não faz o seu saboroso pão caseiro, tem a padaria do sr. José Pereira, cuja venda se estende já por todo o Algarve!

Se quiser comer alguma coisa, pode entrar na casa da tia Anica ou da Sr^a Maria da Glória, que lhe servirão deliciosos petiscos e refeições.



Tem também o café do sr. Joaquim Palmeira que tem para lhe oferecer comida e cama lavada. Se quiser beber um copito de tinto ou de aguardente tem ainda a taberna da D. Jesuína que já faz parte da tradição da aldeia. Se preferir beber um café ou um refresco tem mais três cafés à sua disposição: o da sr^a Maria de Jesus, o do sr. José Artur e o Café Gonçalves e Filhos.

Se gastou os sapatos ao atravessar a montanha para chegar à aldeia não se apoquente, tem aqui duas sapatarias ao seu serviço. Tem ainda duas "boutiques" de roupa e tem a botica do sr. Mateus Silva com todos os remédios para os seus achaques. E ainda ao seu serviço a papelaria da sr^a Helena Barão, a casa de tintas e ferragens, a casa de mobílias do sr. António Brás e a casa de venda de fa-

cultura



Atlético Clube de
MARTINLONGO

O ATLÉTICO CLUBE DE MARTINLONGO é a 1ª casa da aldeia para quem chega pela estrada de Faro. Começou a ser construído em 1985 e está agora em fase de acabamentos. Conta actualmente com 144 sócios e dispõe para já de uma mesa de snooker e de uma mesa de ping-pong. O Clube é já um dos locais de encontro preferidos pelos jovens de Martinlongo.

O JOGO DO XITO conhecido noutras regiões por jogo da malha, é jogado sobretudo pelos homens mais velhos da aldeia. São necessárias duas equipas cada uma com um nº par de jogadores e possuindo uma malha (círculo de ferro). A 25 passos de distância dos jogadores coloca-se uma barra de madeira ou ferro - o malhão. Cada jogador atira a malha procurando derrubar o malhão ou aproximar-se o mais possível do mesmo.

Se um dos jogadores verifica que a sua malha ficou bem colocada e que os outros já não têm possibilidade de obter melhores resultados diz "TRUCO" e ganha 3 pontos.



Se outro jogador achar que tem ainda possibilidade de o vencer dirá "REVIDO" e se a sua malha ficar melhor colocada que o primeiro ganha 6 pontos.

Caso nenhum jogador diga "TRUCO" ou "REVIDO" o jogador cuja malha fica mais perto do malhão ganha 1 ponto e o que derrubar o malhão ganha 2 pontos. A equipa que primeiro obtiver 24 pontos ganha o jogo.

DO CAFÉ DO SR. ILDEFONSO AO CAFÉ DOS DOIS JJ

Qual dos nossos pais e avós não se lembra de ter dançado ao som do acordeão no salão do sr. Ildefonso, principal ponto de encontro daqueles tempos? Quantos namorados não se encontraram aí para conversar e beber um refresco?



Mudam-se os tempos e mudam-se as vontades... Os jovens de hoje preferem o rock and roll e a coca-cola que procuram no café dos dois JJ, o café dos Gêmeos como também é conhecido, com o seu salão de baile, e no clube. Aí trocam ideias, jogam ao bilhar, aos matraquilhos, ao ping-pong e dançam aos sábados à noite e nos dias das festas tradicionais.

Canção Tradicional de Martinlongo

É Martinlongo
 Cã vamos nós a cantar
 É Martinlongo
 Nossa terra é um jardim
 Cantai cantai
 Martinlongo é que aqui vai
 Martinlongo não tem fim

Temos Martinlongo à vista
 E o céu pertinho de nós
 É dali que vem talvez
 É dali que vem talvez
 A graça da nossa voz



QU'É FEITO DO TEATRO DA NOSSA ALDEIA?

Já nos tempos dos nossos pais o teatro era tradição na nossa aldeia. O salão do sr. Ildefonso muitas peças ouviu ensaiar e representar. Até há 2 anos atrás ainda actuava o grupo coral e teatral que foi organizado com o apoio da paróquia. Muitos sketches foram representados com todos os jovens da aldeia: "Aula dos burros", "O tímido", "Viva o senhor professor", "Na farmácia", "O sapateiro", "Preciso de ficar em tua casa" e muitas outras. Este grupo actuou em Alcoutim, Castro-Marim, Quarteira e foi mesmo até Beja e até à Capital! Quando voltará a actuar?

FESTIVIDADES

Actualmente, é quase sō na sede que as festas se realizam, embora St^o Justa e Barrada ainda tenham fama. As festas de Verão, em finais de Agosto, em Martinlongo e no Lotão são festas de ar livre por excelência. As festas dos Santos Populares também. O Carnaval, o Natal, a Páscoa, Festa da Pinha, são como em todo o lado, também aqui festejadas.



FEIRAS E MERCADOS

Na aldeia de Martinlongo existem duas feiras: em Junho, pelo Corpo de Deus e em fins de Agosto.

Foi pensando na Feira de Agosto que o Clube e a Associação de Pais resolveram fazer um projecto para uma exposição das actividades representativas da região. A Câmara de Alcoutim apoiou. O Instituto de Emprego e o Projecto Radial também. Foi dentro deste projecto que este folheto apareceu, o que é mais um passo, também, para se vir a construir um Museu Local e uma Casa do Artesão. Esta, já tem o seu embrião na oficina da Flor da Agulha.

Quantos mais participarem, mais possibilidades existem destes projectos todos se concretizarem.

Mote

Martinlongo segue em frente
Cada vez com mais cuidado
E olha para o teu futuro
Recordando o teu passado

I

Santa Justa e Pessegueiro
Juntaram-se a Casa Nova
E vão agora tirar a prova
Para ver quem é o primeiro
O Barroso está solteiro
E o Tremelgo é seu parente
E o Monte Gagos certamente
Já convidou o Laborato
Para fugir ao mau trato
Martinlongo segue em frente

II

As Mestras e a Arrizada
São como dois irmãos
Agora deram as mãos
E caminham pela estrada
O Diogo Dias e a Barrada
Esses não gostam do fado
E o Monte Argil está apaixonado
Porque gosta da Beringueira
E esta deita a sua carreira
Cada vez com mais cuidado

III

A Francisca e o Montinho
Juntamente com a Corte Serranos
Aliaram-se aos Castelhanos
E procuram novo caminho
O Pero Dias por ser pobrezinho
Tenta caminhar pelo seguro
E o Azinhal está inseguro
E dá de conselho ao Relvais
Tem cuidado vê se não saís
E olha para o teu futuro

IV

Os Penteadeiros e o Lotão
disseram para os Zorrinhos
Os Madronhais são pobrezinhos
Tal como é o Pereirão
O Monte Novo não tem tostão
Pelo que vive empenhado
E até o pobre do Silgado
Só vive de ilusões
E tenta as suas recordações
Recordando o teu passado.

Actividades cíclicas

MESES	ACTIVIDADES AGRÍCOLAS	PREPARAÇÃO, CONSERVAÇÃO	criação de animais	TEXTÉIS	FESTIVIDADES
ABRIL	ALQUEIVES	moagem flocos de pão			Páscoa
MAIO	LEIFAS	extracção de mel queijos cachaça de plantas			Maios
JUNHO					Santos Populares
JULHO	DEBULHAS				Anoial
AGOS.					
SET.					
OUT.					
NOV.	SEMENTEIRAS	campanha de leite doce	chilo e leite (cachaça)	Tricô	
DEZ.		campanha de figo campanha de queijo flocos de pão	matança de porco		Natal
JAN.					
FEV.					
MARÇO	PIQUEVES				Carnaval Pinha

Fonte: relatório sobre a Coop. Baxada (IEFP D.R. Algarve) 1986

A ALDEIA DE ONTEM, DE HOJE E DE AMANHÃ

O empobrecimento das terras resultante da crise provocada pela produção do trigo nesta região montanhosa provocou, a partir dos anos 30, a diminuição da oferta de trabalho dando origem às migrações sazonais e mais tarde, a partir dos anos 60, à fixação no litoral algarvio e à emigração.

Nesse tempo o trabalho no campo era duro, os tempos livres eram poucos e as infraestruturas inexistentes. A economia camponesa tornava-se cada vez mais débil e mais dependente dos rendimentos provenientes do trabalho no exterior.

Depois do 25 de Abril muitos emigrantes regressam à sua terra natal e começam a investir as suas economias no comércio e também na agricultura. Por seu lado o Estado tem promovido a construção de infraestruturas e serviços. Uma actividade crescente se desenvolveu.

Para os mais velhos com quem conversamos, a vida na aldeia parece-lhes, hoje, bem mais suave que nos seus tempos de jovens. "Agora já há tudo, não precisamos de nada" diz mesmo o sr. Augusto Ferreira. Os adultos, por seu lado, embora concordem que a situação esteja melhor referem imediatamente uma grande carência: a inexistência de uma escola secundária para os seus filhos, o que obriga os jovens de Martinlongo a percursos diários de 4H para ir e regressar do liceu em Vila Real de Santo António onde grande parte está inscrita.

Para os jovens de Martinlongo, filhos de emigrantes ou não, estudantes na sua maioria nos liceus do litoral, as perspectivas não são brilhantes. Na aldeia há muito poucos postos de trabalho. Arranjar emprego nas obras, na padaria, na Caixa Agrícola ou mais recentemente no Centro de Animação Infantil, cabe a muito poucos. A grande maioria pensa que terá de partir uma vez mais à busca do ganha pão nas terras supostamente mais favorecidas do litoral, na capital ou no estrangeiro. Os estudos que fizeram não serão aplicados na sua terra. No entanto a aldeia e a região precisam destes jovens para se poderem revalorizar. Na agricultura, no artesanato, na indústria, no turismo, no comércio.

Havia muito trabalho para os jovens de hoje, se o Estado e a população coordenarem os esforços na revitalização da região.

LEGENDA



- 1. igreja matriz
- 2. capela Espírito Santo
- 3. capela S. Sebastião

- 4. oficina do ferreiro
- 5. serralharia
- 6. oficina do ferrador
- 7. oficina do latoeiro (2)
- 8. marcenaria (2)
- 9. oficina de cadeiroiro
- 10. ex. tecedeira (3)
- 11. ex. oleiro (2)
- 12. fornos de oleiro em ruínas (2)
- 13. oficina do cesteiro
- 14. oficina do sapateiro
- 15. oficina "Flor da Agulha"
- 16. oficina "Linha Serrana"
- 17. restaurante tia Anica
- 18. queijeira
- 19. padeira

- m. mercearia (5)
- i. minimercado (2)
- fr. frutaria
- th. talho
- p. praça
- vp. venda de peixe
- cp. casa de pasto
- c. café (4)
- t. taberna
- f. venda de farinhas
- bt. "boutique" (2)
- s. sapataria (2)
- pa. papelaria
- tf. casa de tintas e ferragens
- mo. casa de móveis
- b. stand de bicicletas e motorizadas

- O. oficina mecânica
- P. padeira
- L. lagar de azeite

- E. escola primária
- T. tecelagem
- S. centro de saúde
- F. farmácia
- P. poço
- U. furo (3)
- L. lavadouro roupa
- A. Caixa de Depósitos Agrícola
- C. correios
- J. Junta de Freguesia
- G. garagem de JF
- R. alpendre da Rodoviária Nacional
- B. bomba de gasolina

EQUIPAMENTO

INDÚSTRIA

COMÉRCIO

ARTESANATO

RELIGIÃO

- AC. Atlético Clube
- AB. salão de baile do sr. Ildefonso